



**A RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER NA OBRA *EM SURDINA*, DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

**THE RESSIGNIFICATION OF THE SOCIAL ROLE OF WOMEN IN THE WORK *EM SURDINA*, BY LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

Davi Ramos da Silva<sup>1</sup>

Recebido em: 17 dez. 2020

Aceito em: 21 mai. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i2.35638

**RESUMO:** O romance *Em Surdina* compõe o leque de obras de Lúcia Miguel Pereira, uma importante escritora do começo do século XX, a qual traz personagens intrigantes que causam curiosidade quanto as suas construções, principalmente no que se refere à representação de mulheres. O objetivo deste estudo é evidenciar quais fatores levaram a personagem principal da obra à uma ressignificação do papel social da mulher já estabelecido socialmente, em específico, no que compete a união matrimonial. A partir disso, procura se esclarecer como, através de sua relação familiar, pretensões amorosas e sua constante busca por liberdade, se construiu sua subversão à um molde preestabelecido subserviente de condutas e costumes em que a mulher deveria seguir em relação ao casamento, e com isso, apontar os resultados do rompimento desse paradigma social.

**Palavras-chave:** *Em Surdina*. Lúcia Miguel Pereira. Feminismo. Papel social da mulher. Questões de gênero.

**ABSTRACT:** The novel *Em Surdina* composes one of the works by Lúcia Miguel Pereira, an important writer from the beginning of the 20th century, which brings intriguing characters that causes curiosities about their constructions, especially when refers to women. The aim of this study is to highlight which factors led the main character of the work to a re-signification of the social role of women already socially established, in particular, in what concerns marriage. Therefore, it seeks to clarify how, through family relationship, love pretensions and her constantly seeking for freedom, the subversion was built on a pre-established subservient mold of behaviors and customs a woman should follow in relation to marriage, and by that, to point out the results of the rupture of this social paradigm.

**Keywords:** *Em Surdina*. Lúcia Miguel Pereira. Feminism. Social role of women. Gender issues.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa, de forma mais atenta, a personagem Cecília, figura central da obra *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira. O objetivo central do trabalho é evidenciar os

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (2020) e Bacharel em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (2021). E-mail: daviramos.unb@gmail.com



possíveis fatores que levaram a personagem principal da obra à uma ressignificação do papel social da mulher<sup>2</sup> preestabelecido socialmente. É importante que se atente quanto ao “papel social da mulher” tratado aqui, pois é feito de um recorte muito específico, pois a protagonista central da obra é caracterizada como uma mulher branca, cis gênero e heterossexual, de posses e inserida em uma alta classe social. Dessa forma, as experiências identitárias da personagem, analisadas aqui, terão como fundamento a vertente social e racial específica, em que a mesma se encontra - já que temos outros recortes sobre a mulher na sociedade, como mulheres pretas, indígenas e mulheres transsexuais e travestis, inseridas em várias camadas sociais, por exemplo -, faz-se necessário que esse apontamento fique evidente visando uma não generalização sobre esse papel social da mulher.

O presente trabalho é dividido em três partes, a primeira sendo introdutória à personagem, uma exposição sobre suas dúvidas e aspirações de infância, questionamentos e incertezas. A segunda parte é dedicada à construção da relação de Cecília com sua família. Nesse capítulo em particular, é exposta a relação da protagonista com seus irmãos, pai e tia Marina, a qual ganha um recorte especial, pois a mesma se enquadra no papel de “solteira na”, posição muito estigmatizada socialmente.

Por fim, a terceira parte, trata, de uma forma mais detalhada, da relação de Cecília com o casamento. Nela, serão expostos os conflitos da personagem com a instituição do matrimônio, sendo dissecada, em específico recorte, a controversa relação entre Cecília e Paulo, outro importante personagem para o desenvolvimento da obra, assim como os apontamentos da possível quebra de expectativas em relação ao casamento, tendo como base conflitos da relação da protagonista com seu pai e irmã.

Este trabalho visa, portanto, trazer uma diferente perspectiva quanto à construção da personagem central, em apontar como a ressignificação de certos valores sociais em relação à mulher estão presentes no romance e em como essa subversão a certos moldes sociais ecoam na obra e também socialmente, trazendo uma nova significação à existência de Cecília e novas possibilidades quanto à construção social da mulher.

---

<sup>2</sup> Foram usados nessa discussão, elementos que visam a uma não generalização do papel social da mulher, onde a protagonista do romance se encontra em recorte específico. Para se ter ciência sobre as discussões a respeito de personagens não brancas e sobre a luta e representatividade das mesmas, verificar: AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p.



## **Cecília, uma breve análise sobre a personagem e as primeiras impressões sobre a construção da obra**

Nesta presente obra literária, um dos pontos-chaves que dará forma e desenvolvimento à trama é o fato da constante inquietação da personagem Cecília, que irá se mostrar como um fator que impulsionará sua existência dentre todas as possibilidades que podem se apresentar a sua frente, que podem vir se concretizarem ou não.

Nota-se que a figura da personagem Cecília já se mostra muito emblemática ao leitor desde o começo da história, e isso se torna evidente se contrastada com algum modelo estereotipado de conduta social feminina da época, pois a figura da moça já desponta com nuances de uma ressignificação de caráter social frente um molde preestabelecido de comportamentos tidos como ‘normais’ ou ‘naturais’ em relação ao gênero feminino.

O fato é que, uma vez instituídos alguns estereótipos narrativos (e toda literatura labora na base de estereótipos), o leitor não julga mais a probabilidade estatística de um acontecimento em função do mundo real, mas em função das convenções para que a narrativa remete (SEGRE, 1989, p. 47).

Desde já devemos ter consciência de que o espaço e tempo construídos na obra é que irão definir o rumo e a probabilidade de certos acontecimentos. Devemos manter em mente que a realidade criada transpassa o conceito do aceitável e do não aceitável para os valores estabelecidos da época, já que há uma expansão do possível através de um novo olhar, uma perspectiva panorâmica, sobre a realidade apresentada.

A narrativa nos mostra a vida de uma mulher e seus dilemas com a instituição do casamento, suas projeções para o futuro, além de sua insatisfação com as situações que se apresentam, isso tudo dentro da perspectiva da própria personagem, uma jovem mulher inserida em um contexto específico, do começo do século XX, de classe média alta, e em uma sociedade puramente patriarcal e sexista. Dentro desse contexto, a personagem se mostra como um objeto raro de estudo, já que a mesma se apresenta indócil à um destino prescrito.

A figura inconstante da personagem se torna perceptível durante os primeiros momentos da narrativa, onde a figura de si mesma, na infância, se manifesta através de um devaneio momentâneo, e esse específico momento se torna um dos pontos cruciais para o



desdobramento da trama, pois esses pensamentos de outrora são essenciais no desenvolvimento de Cecília.

A pequena praça estava com aspecto antigo. O aspecto de quando diariamente atravessava indo e vindo do colégio. Era um quê inexplicável, a luz, talvez, ou talvez o seu modo de olhar. Dobrou a esquina. Parecia-lhe estar indo para as aulas. Passava ali tantas vezes, para ir à costureira, e nunca se lembrara assim do passado. Por que ressurgia ele, tão nítido, inexplicavelmente? Julgava ver uma menina caminhando na sua frente. Uma figurinha magra, metida num feio uniforme de colegial. E foi ela, foi o seu próprio fantasma que se misturou desde esse momento às cenas do futuro (PEREIRA, 1933, p. 146).

A projeção aqui apresentada de Cecília, enquanto menina, não surge ao acaso, em algum momento há um *start* causado por essa recuperação de sentimentos e memórias do passado, e esse acontecimento se mostra transformador na vida da protagonista, já que a partir deste acontecimento, seu desenvolvimento se mostra afetado, pois com a volta de antigas lembranças, também surge a consciência de sonhos e desejos não realizados.

Sempre tinha um sonho a lhe trabalhar a imaginação. Ideava existências heroicas, fabulosas, em que se via ora uma grande santa, ora guerreira, escritora célebre, política influente, milionária, esposa morganática, mas todopoderosa de um soberano. Depois, com a idade, foram vindo os romances de amor, muito inocentes. Foi a mulher fatal de negros vestidos e pecaminosos atrativos (em que consistiriam? Não sabia, mas eram assim), ou a musa angélica de algum pobre e genial artista (PEREIRA, 1933, p. 147).

O trecho acima é de fato muito elucidativo, pois a partir deste, conseguimos ter noção sobre os motivos de certos comportamentos de Cecília. Desde nova, a mesma já aspirava em ser alguma coisa que não só esposa de alguém, ela sonhara em trabalhar, em ser intelectual, e que se fosse esposa de alguém, ela fosse “todo-poderosa”. Cecília já parecia estar fadada a não querer se contentar em viver à sombra de um marido, ansiava por sua independência, em desempenhar um papel construtivo e ativo em sua vida, e esses seus desejos de infância, depois de avocar sua menina interior, vão acompanhar a personagem e moldar suas ações e pensamentos.

Outro aspecto, já citado como importante, e que devemos retomar aqui, muito brevemente, é o aspecto temporal. Em trechos já expostos, podemos perceber que há o uso do anacronismo, importante ferramenta manejada pela personagem para elucidar a ela própria e ao leitor, experiências passadas, marcos de sua infância e adolescência, que irão se refletir no



futuro, como o trecho posterior evidencia, “Esse deslumbramento interior fazia dela uma menina um pouco arredia, meio enigmática para as companheiras. E impediu-a quando veio a adolescência, de se entreter com namoricos, como as outras” (PEREIRA, 1933, p. 147). E além disso, há um fato um tanto curioso em relação à narração, principalmente em relação às passagens mais introspectivas, pois nesses momentos há uma simbiose não muito definida entre o que seria um monólogo interior da personagem e o papel ativo do narrador na terceira pessoa. Percebemos desde o início da obra que se trata de uma obra narrada em terceira pessoa, mas que em muitos momentos alterna para a primeira pessoa, mas essa alternância não se mostra muito delimitada, há uma linha tênue bastante delicada entre a separação desses dois papéis, dessa forma não se percebe quando o narrador está apenas desempenhando seu papel de narrar os acontecimentos assim como os mesmos se sucederam, de uma forma imparcial e panorâmica, e quando temos uma reflexão da consciência da própria personagem, principalmente quando essas passagens estão ligadas a sentimentos e sensações, como no trecho a seguir:

Até a hora do jantar não saiu do quarto. Mas por que não sentia, nele, a tranquilidade de sempre? Tinha, ordinariamente, a impressão de se isolar do mundo, dos aborrecimentos, das preocupações, de tudo, ao fechar a porta do seu aposento. Tudo ficava abolido. Nada a atingia. O seu silêncio, o silêncio que criava voluntariamente, era mais forte que os ruídos do exterior (PEREIRA, 1933, p. 149).

Voltando agora para o lado mais introspectivo de Cecília, seus monólogos interiores, nos deparamos com várias passagens que se mostram um tanto melancólicas. A jovem se apresenta absorta de uma íntima tristeza, que à primeira vista, podemos supor que seja pelo fato da sua indecisão em relação ao casamento, fato que será melhor desenvolvido posteriormente. “Na casa vizinha, um casal passeava no jardim. O rapaz tinha o braço passado na cintura da moça. Conhecia-os de vista, e de nome. Eram noivos. Ficou a olhá-los, a olhá-los.... Por que se sentia tão só?” (PEREIRA, 1933, p. 151). Nesse primeiro instante, podemos tirar conclusões sobre sua aparente infelicidade, estando ela relacionada ao fato de a mesma estar ainda solteira, e a construção da narrativa nos leva a crer que essa é uma verdade inegável, mas se analisarmos vários aspectos que circundam Cecília, tendo como contraste seus pensamentos e sentimentos, podemos ter uma visão diferente sobre os fatos pois a jovem manifesta, em algumas passagens, uma incerteza sobre o fato de uma união matrimonial a tornar feliz, “Quando entraria, também ela? Quando começaria a vida? A Vida com V maiúsculo? E em que consistiria? Se, algumas semanas atrás, tivesse feito a si própria essa pergunta, responderia sem hesitar: “no casamento”



(PEREIRA, 1933, p. 160). “A especulação por ela feita, provocada e reclamada pela própria existência, aparece como força impulsionadora, que continua o movimento da vida, revelando as suas possibilidades latentes e assumindo o risco de concretizá-las” (NUNES, 1966, p. 118).

O trecho acima, de Benedito Nunes (1966), feito sobre os trabalhos de Clarice Lispector, se encaixa com facilidade ao estudo feito aqui sobre a inquietação de Cecília. O fragmento se mostra como um ponto de partida para pensarmos que o ato de se questionar constantemente sobre sua condição, do que é apresentado a ela como destino irresoluto, faz com que a mesma seja impulsionada a um caminho de novas possibilidades, pois opções antes nunca cogitadas, podem se mostrar como uma possível fuga de sua sina no futuro. Além disso, podemos constatar no questionamento da personagem, que o casamento para ela não era mais uma verdade absoluta de felicidade, pois há um pessoal questionamento sobre a veracidade da correlação entre os dois, e em outro trecho, ela se sente bastante aliviada por não estar em compromisso de casamento com Jorge, seu pretendente na época, “Cecília acordou sentindo-se extraordinariamente feliz. A alegria calma de quem sai do dentista aliviado de uma dor impertinente. Que seria? Ah! Era o desafogo de ter resolvido, de ter dado resposta ao Jorge. O sossego de não ter que pensar” (PEREIRA, 1933, p. 153).

Este fato nos leva a crer que o vazio que Cecília sentia, seus conflitos psicológicos, esse desalento indiscutível, não seria simplesmente sanado com um casamento, mas que a raiz de sua solidão se daria pela busca de sua liberdade - solidão aqui se apresenta como um sinal do início da intransigência de Cecília - pois ela, aparentemente, já demonstrava estar ciente do quanto sua condição de cativa em relação à condição preestabelecida socialmente, de que a mulher só sairia de casa por motivos específicos, para a casa de seu marido, após o casamento, ou para o cemitério, depois da morte, pois para a sociedade brasileira da época, como muitas outras, moralistas e conservadoras, a mulher deveria sempre permanecer sob o controle de um homem, passando sua tutela do pai ao marido, e não haveria outras possibilidades se não essas para todas as jovens.

Devemos agora, aqui, observar de uma forma mais analítica, o crescimento da protagonista Cecília na obra, e para isso precisamos ter como ponto de apoio a *teoria do desenvolvimento psicossocial* desenvolvida por Erik Erikson,<sup>3</sup> que leva em consideração o crescimento psicológico de um indivíduo através de estágios e fases, e entende-se por estágios

---

<sup>3</sup> Erik Homburger Erikson foi um psicanalista responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do desenvolvimento.



e fases a interação da pessoa com o meio que a cerca. Antes de tudo, devemos ter ciência que os estudos de Erikson (1976) sobre o desenvolvimento psicossocial de um indivíduo são estruturados em oito estágios, onde cada estágio corresponde a um momento específico de vida de uma pessoa. Os estágios que resgataremos algumas vezes nesse trabalho serão os seis primeiros, que correspondem desde o período da infância até os 40 anos de vida, período este essencial para analisarmos os nuances sobre o comportamento de Cecília.

Logo no início, podemos perceber que a personagem se desenvolveu de uma forma não muito convencional, e podemos evidenciar o fato através da mesma, onde ela relata que perdera sua mãe ainda na infância, e essa realidade pode ser confrontada tendo como suporte a base dos estudos de Erikson. Conseguimos notar que durante a infância de Cecília, ela não se sentia acolhida no núcleo da família de sua mãe, e este fato fica evidente com trecho posterior, “E, ao voltar de Santa Teresa, Cecília vinha sempre tristonha. Nesses dias lembrava-se de que era órfã” (PEREIRA, 1933, p. 156). Esse período refere-se ao 3º estágio, conhecido como fase de *iniciativa versus culpa*, correspondente à fase inicial de vida de um indivíduo, assim como o da protagonista, onde se desenvolvem a imaginação, o pensamento e a preocupação da aceitabilidade sobre si mesma e sobre seus comportamentos, onde suas ações eram severamente frustradas quando deliberadamente era desvencilhada de seu parentesco quando não estava em sincronia com os ‘modos’ de sua família materna, onde o trecho posterior evidencia: “-Esta é só Vieira- costumava dizer D. Sinhazinha. -Não tem nada nosso” (PEREIRA, 1933, p. 156).

Com isso, já na vida adulta, percebe-se que Cecília se mostra exigente em relação ao futuro pretendente, em sua incansável busca pelo par ideal que irá se adequar ao que ela tanto idealizava, proporcionando sua tão desejada liberdade. Entretanto, nota-se que o tão sonhado marido não se encontra em meios aos pretendentes de Cecília, e essa busca acaba por colocar em dúvida as qualidades da protagonista, assim como em minar seu ânimo em esperar algo melhor em sua vida.

Como desejara casar! Desde que saíra do colégio, levava a esperar o noivo, um noivo qualquer. Ainda não gostara de ninguém. Um ou outro ligeiro esboço de inclinação, apenas, logo desfeito. Gostava do amor, do amor dos romances franceses e das fitas de cinema. Mas noivo tão desejado não aparecera. E a demora se ia fazendo angustiosa. E uma funda humilhação, sempre crescente, a envenenava. Ia-se julgando inferior às outras moças. Cada vez se fazia mais tímida, mais desconfiada. Um desânimo invencível infiltrava-lhe a alma. Já nem sabia mais sonhar. Ou melhor, só sabia um sonho sempre o mesmo, doloroso, obcecante (PEREIRA, 1933, p. 160).





E o que se pretende dizer depois dessa breve análise é que todas as experiências vividas pela personagem, assim como o resgate, através de uma interior reflexão sobre o passado e o presente, de suas convicções, pretensões, sonhos de uma possível liberdade e desejos de autonomia, acarretaram em uma nova percepção da mesma sobre o meio onde ela se mostra inserida e o que ela deveria desempenhar, seu real e fatídico papel social, o destino de todas as jovens de sua classe, que era o do inevitável casamento, estabelecendo assim, novas condições e possibilidades à uma possível união matrimonial.

### **A caracterização das relações interpessoais de Cecília com seu núcleo familiar**

Neste capítulo em particular, iremos analisar como se estabelece a construção da relação interpessoal de Cecília com os membros de sua família, ressaltando também, o resgate dos desejos de sua infância, algo já citado, atrelado com seu então estado de tédio, como a mesma aponta, ou sua intensa necessidade de viver a vida à sua maneira dentro da esfera familiar e social.

Devemos, antes de tudo, ter ciência do lar em que Cecília cresceu e se desenvolveu, em como é construída a atmosfera da família Vieira, a qual sempre se mostra muito unida e feliz, um ambiente, à primeira vista, afável e seguro, “Era sempre animadíssimo o jantar em casa do Dr. Vieira. O único momento que reunia toda a família. Os diálogos cruzavam-se, embaraçavam-se, numa algazarra alegre e pouco protocolar” (PEREIRA, 1933, p. 149). Apesar de termos noção que a jovem protagonista cresceu em uma casa com muito conforto e regalias, precisamos ter em mente que esses fatores não são decisivos para um desenvolvimento pleno da mesma, pois o meio depende não só do espaço físico, mas dos membros que o compõe, como seus familiares, os quais desempenham papéis importantes influenciadores na vida de Cecília.

Para o início desse estudo, de uma forma mais específica, devemos ressaltar a figura do Dr. Vieira, um personagem muito importante na vida da protagonista e dos demais na obra. O patriarca da família nos é apresentado como um bom homem, trabalhador e que apesar da desgastante profissão, a qual demanda um grande comprometimento, não abre mão de estar junto de sua família, reservando algum tempo para os seus, prática que considera indispensável para a manutenção das relações familiares. “Cirurgião de grande clínica, viúvo ainda moço e galhardo, ele organizava sempre prazeres e afazeres, de modo a poder reservar para os seus,





duas horas diárias, entre sete e nove. Era o que chamava manter o cunho familiar” (PEREIRA, 1933, p. 150).

Entretanto, não devemos tomar essas atitudes como de cunho acolhedor em sua totalidade, pois apesar de reservar um tempo para as reuniões familiares, Dr. Vieira não demonstrava ter tempo ou, de fato, interesse para as questões pessoais de Cecília. Nesse momento, devemos trazer à tona os desejos, outrora esquecidos, da protagonista na infância, que se resumiam a nada mais que ter autonomia para seguir carreira profissional, e com isso trabalhar com o pai, mas seus planos eram sempre frustrados por sua figura paterna, já que não admitia suas filhas trabalhando, vendo nisso um sinal de vergonha pra si próprio, pois se especularia no âmbito social sobre o caso, e isso para ele era inaceitável. Dessa forma, ia afastando esses pensamentos de Cecília, em conseguir autonomia pelo trabalho. Este fato se configura no diálogo posterior, expresso por Dr. Vieira:

-Trabalho de moça é em casa. Olhe, você quer serviço? Pois então arrume meus livros, que andam numa desordem horrível. Ora, essa bobinha a querer trabalhar. Como se não tivesse pai para sustentá-la! Então você já pensa que estou imprestável, que não posso mais manter meus filhos? Era só o que faltava. Quer uma mesada maior? Eu dou-lhe o que pedir, mas não me fale mais em trabalhar. Que parecerá isso? Uma filha minha andando empregada! Vão dizer que sou sovina, ou que estou perdendo a clínica (PEREIRA, 1933, p. 189).

A relação, apesar de ser carinhosa e amorosa entre Cecília e seu pai, também era de natureza desatenciosa, já que apesar da disparidade de pensamento entre os dois, a jovem ainda procurava na sua figura paterna um confidente para expressar suas reflexões sobre o casamento, no caso, suas deliberações sobre o possível compromisso com Jorge. Contudo, não encontrava amparo já que, como já citado, o seu pai não tinha tempo para essas conversas. “Apenas o pai lhe dissera, na véspera à noite, ao se despedir dela: - Então essa cabecinha anda trabalhando muito, hein! E lhe batera no rosto, com um carinho apressado. Também ele não tinha tempo para conversas. Os doentes o esperavam” (PEREIRA, 1933, p. 152).

Agora, ainda levando em consideração a relação entre esses dois personagens, devemos nos atentar a construção da narrativa que os circunda, as ferramentas adotadas para deixar em evidência tanto a insatisfação de Cecília quanto sua infelicidade, ao fato de que a personagem se sentia triste por ser incompreendida em relação aos seus sentimentos e pensamentos, e nesse aspecto, Dr. Vieira se enquadrava como os demais personagens, se mostrando alheio quanto a



forma como sua filha se sentia, preocupando-se apenas com as convenções sociais, procurando assim, apenas reforçar a ideia de ‘aparência’ que a família deveria exprimir.

Neste ponto, para uma contextualização do que foi dito, podemos perceber que alguns trechos, muito específicos, foram expressos entre aspas, recurso não muito utilizado na construção da obra, o que nos faz refletir que o principal objetivo de colocar um pensamento ou fala em primeira pessoa da personagem, usando o recurso das aspas, é de causar certo impacto, podendo se caracterizar talvez como uma não interferência do narrador nesse caso, em que a ‘voz’ da protagonista ficasse em primeira instância, de forma evidente para que, dessa forma, pudesse exprimir seus pensamentos e que não houvesse questionamentos quanto a verdade sobre eles. Fato esse expresso no seguinte trecho. “Ele quer que eu ande bem vestida pra lhe fazer honra, pensava: faço parte da sua representação, como o automóvel e a pérola da gravata. Não faz mal que eu me sinta infeliz, porque, isso, ninguém vê” (PEREIRA, 1933, p. 192).

Vários desses aspectos, relacionados ao Dr. Vieira, podem ser ditos também de Cláudio, o irmão mais velho da protagonista, e também seu favorito. Cláudio nos é apresentado como um personagem despreocupado, boêmio, e que gosta de infringir algumas regras de convenção social familiar instaurada pelo pai, como sua pontualidade nas reuniões familiares, que não fazia questão de adotar.

Cláudio revolta-se contra tal obrigação, sobretudo depois que começara a ganhar dinheiro e a se sentir independente. Gostava de se demorar com os amigos à hora do aperitivo. Um hábito inglês, que ficava muito bem a um *businessman*. Em negócios, tudo tem importância. Uma maçada, ter que chegar em casa às sete e meia! (PEREIRA, 1933, p. 150).

Apesar de seu reprovável comportamento, ele se mostrava muito atencioso e carinhoso para com Cecília, além de manifestar interesse em sua vida amorosa. Entretanto, como os demais membros da família, não consegue compreender o posicionamento da irmã em relação ao seu compromisso com Jorge, e a sua recusa em aceitar se casar com ele, já que o mesmo apresenta aspectos relevantes de um bom partido dentro do contexto social que se encontra. Dentro dessa perspectiva é que se apresenta uma divergência entre os irmãos, pois Cláudio, como homem de classe média alta, inserido nessa sociedade sexista e dominadora, não compreende as escolhas da irmã, já que ela, como mulher, não deveria recusar um bom partido, e assim como o pai, não tem tempo para discutir essas questões, e não faz aparente esforço para



tentar entender as reflexões de Cecília, “Que desinteresse o de Cláudio! Não podia sacrificar cinco minutos ao futuro da irmã? Não a faria mudar de opinião, mas, não importa, deveria ter insistido. Pois não estava convencido de que o casamento era excelente?” (PEREIRA, 1933, p. 152).

Devemos agora nos atentar a alguns aspectos já tempestivamente apontados, como a inquietação da protagonista desencadeada pela sua situação de cativa social, além da constante necessidade de viver a vida. Podemos atribuir essas causas, claro, como um reflexo à uma ressignificação social instaurada, levando em consideração a composição social do papel da mulher na sociedade brasileira, Mary Del Priore (2013, p. 26) demonstra em sua obra que apesar das mulheres terem papéis muito definidos socialmente, como serem subservientes aos maridos e donas de casa, ainda demonstravam uma necessidade de terem mais liberdade, e para isso, muitas se insurgiram contra a “ditadura do fogão e do berço”, pois não queriam gastar seu tempo fazendo apenas bordados ou costurando almofadas, nem estarem subjugadas à servidão da maternidade e do lar, como cuidar, de forma reclusa, da educação dos filhos e administrar as tarefas domésticas<sup>4</sup>, mas era o que faticamente acabava acontecendo, já que trabalhar fora de casa não era uma possibilidade e a resistência contra as vontades dos maridos, não findavam em bons resultados.

Podemos levar também em consideração, de forma breve, os aspectos psicológicos apontados por Erikson (1976), os estágios psicossociais pontualmente trabalhados anteriormente, onde apontam que já no começo da fase adulta, há uma necessidade de afirmação pessoal no mundo do trabalho, o que de fato, não ocorre na vida da personagem. Esses levantamentos podem ser elucidados através do trecho posterior:

No princípio ainda tentara reagir, ocupar-se em casa, executar todos os planos generosos arquitetados em menina, ser útil. Mas bem depressa percebeu a ingenuidade de seus projetos. Não havia onde executá-los. Uma série de decepções, as suas tentativas. [...] Primeiro fora o pai, afastando-a delicadamente. Depois, tia Marina. Quis começar a auxiliar o governo da casa, e a tia defendera ciosamente a sua autoridade (PEREIRA, 1933, p. 160-161).

---

<sup>4</sup> As questões do trabalho doméstico apresentadas aqui, tem como base as discussões sobre ter o salário como linha divisória entre trabalho e não trabalho dentro da esfera social sexista e capitalista. Com isso, são levadas em consideração as discussões de que esse trabalho não assalariado e marginalizado, realizado dentro dos lares, se caracteriza como ferramenta na reprodução de capital, além de ser importante força impulsionadora e motivadora da força de trabalho (remunerado). Para saber mais, verificar: Contraplanejamentos da Cozinha. FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 62-86.



Consideraremos agora o estudo de outra personagem interessante na obra, Heloísa, irmã mais velha da jovem protagonista, personagem já citada anteriormente. Ao que podemos perceber, Cecília sempre tivera uma relação muito boa e satisfatória com sua irmã, apesar de ainda na infância as duas se apresentarem de formas opostas. Cecília era a mais quieta e calma, e Heloísa costumava se destacar porque, segundo a narrativa, sentia as coisas com mais intensidade, contudo Cecília demonstrava gostar muito da companhia da irmã, e não se importava com a atenção que a mesma recebia e, sempre que podia, auxiliava-a nos cuidados com a sobrinha baby.

Heloísa sempre absorvera a atenção de todos; não que fosse exigente, mas nela tudo fora sempre mais forte, mais barulhento. Em criança, as suas doenças haviam sido mais graves, fora mocinha mais alegre, mais pretendida; depois, com o casamento, e os filhos, passara a ocupar cada vez mais lugar. Cecília não era invejosa, não sofria com isso; achava natural, nunca pensou que poderia ser de outro jeito (PEREIRA, 1933, p. 180).

O que de fato provocava divergências - certos atritos entre as irmãs - eram suas opiniões em relação ao casamento. Heloísa estando casada e com dois filhos, achava o casamento algo sufocante, limitador, que tirava sua liberdade. No entanto, gostava de estar casada, de ostentar uma máscara social de esposa feliz, prezava pela vida de 'aparências' que vivia, da posição/condição que estar casada implicava socialmente, e com isso repudiava a vida solitária da irmã. Esse repúdio pode ser explicado talvez pelo fato de que Cecília teria uma liberdade que ela não tivera, de sua irmã não estar presa a um casamento, e por poder fazer suas próprias escolhas. Este fato se configura na fala a seguir, dita por Heloísa:

-Décio não me deixa andar só- explicou-lhe a irmã - e eu preciso pagar umas visitas. Você não sabe como é ruim não ter liberdade; pode ir aonde quer; à hora que quer; eu não... Décio pensa que todos os homens não fazem outra coisa senão olhar pra mim... Um inferno! [...] Dizia isso com um tom oposto às palavras; sob a aparente revolta, o instinto profundo do sexo rendia-se satisfeito às exigências de um senhor; e tinha um ligeiro desprezo pela outra, pela mulher isolada (PEREIRA, 1933, p. 174).

Por fim, outra personagem que irá aparecer e que irá se mostrar importante na narrativa, será a figura da D. Marina, tia de Cecília e irmã de Dr. Vieira. Tia Marina se apresenta como uma figura um tanto misteriosa e enigmática, pois abdicou da própria vida para cuidar dos sobrinhos, e a narrativa não nos permite saber muito sobre a personagem, apenas fragmentos soltos sobre sua vida, mas sabemos, entretanto, que a família materna de Cecília tinha horror a



ela, chamando-a de histérica e solteirona, pois não perdoavam o fato de a mesma ter tido uma grande participação na criação dos filhos de D. Maricota, “A menina, que ignorava a significação de histérica, julgou-se desgraçada, e tomou horror à solteirona. Ser histérica devia ser uma coisa horrível, senão tia Sinhazinha não ficaria com tanta raiva. Em parte havia motivo para o ressentimento” (PEREIRA, 1933, p. 154).

A participação de Tia Marina na vida dos personagens, principalmente na de Cecília, não se mostra muito notória, mas analisando a obra de forma minuciosa e atenta, podemos notar que além da construção, a presença da personagem na vida da protagonista é fundamental para seu desenvolvimento. Primeiro devemos notar que a personagem, sendo mulher, e inserida em contexto específico, não tinha ‘voz’, no sentido de não poder exercer atividades plenas, como trabalhar fora, por exemplo, e seu domínio se resumia a administração das atividades domésticas, domínio este defendido severamente por Marina, “Quis começar a auxiliar o governo da casa, e a tia defendera ciosamente a sua autoridade” (PEREIRA, 1933, p. 161). Nota-se que a voz de Tia Marina se resumia à casa onde viviam, era ali que ela conseguia exercer suas atividades plenas, tendo controle sobre o ambiente a sua volta. Dessa forma ela se apega a esse mísero papel que lhe cabia, defendendo seu único ponto de existência e de poder, pois assim, ela poderia fazer sua presença algo importante na vida de sua família.

Como veremos, D. Marina irá se apresentar como uma personagem relevante durante quase toda a narrativa, mesmo não estando mais presente em diversas situações, sua existência ecoará na vida de Cecília, aproximando bastante a figura dessas duas personagens. Depois de uma epidemia que assolara toda a população deixando todos doentes e acamados, inclusive Cecília, a mesma recebe a notícia que sua tia, quem a criara, que servira como mãe para ela, havia morrido pela doença. Isso sem dúvida deixou a personagem bastante triste e abalada, fato explicitado no trecho posterior, “Não havia fingimento, nem exagero nas lágrimas de Cecília. Realmente, a sua sensibilidade acordara com o ambiente, e lhe tornava amargas, doídas as saudades da tia” (PEREIRA, 1933, p. 200). Nota-se que sua presença era intrínseca à vida dos que a cercavam, sua existência no ambiente era imprescindível para a ordem da instância familiar, e depois de sua morte algo de essencial se perdeu, e este fato não passara despercebido por Cecília, “Antigamente, no tempo de Tia Marina, a sala ficava cheia, todas as noites; era raro não vir alguma visita, gente íntima, Paulo, um ou outro auxiliar do Dr. Vieira” (PEREIRA, 1933, p. 235).



Ainda de luto, sentida pela perda da tia, Cecília e sua irmã Heloísa vão ao quarto de D. Marina para arrumar as coisas dela, e é nessa passagem que percebemos algumas construções bastante interessantes na obra. O quarto de Marina é bastante importante nesse ponto, pois se caracteriza como espaço de existência da personagem, antes “invisibilizada”. Com isso, Cecília se encontra frente uma pessoa estranha para ela, pois percebe nesse momento, mexendo nas coisas da tia, que realmente não a conhecia de verdade. “E Cecília viu, de repente, que nada sabia da tia. Vivera sempre a seu lado, e ignorava tudo da sua história. Ou quase tudo” (PEREIRA, 1933, p. 200). Em diversas passagens D. Marina deixa rastros de sua história, vivências semelhantes a que Cecília enfrentava, em um ato de tentar confortar a sobrinha, mas que se tornavam extremamente sutis, passando despercebidos aos demais personagens, “E desentranhava da memória algum caso sentimental da sua mocidade, que igualava à sobrinha. Lamentava-se, lamentando-a. Os homens eram assim mesmo, não davam valor às moças sérias” (PEREIRA, 1933, p. 179).

Nos voltando ao quarto, aos elementos que constituem a cena no momento da arrumação, percebe-se que as cartas encontradas por Cecília, roupas e fotografias, são os componentes que dão sustentação à breve existência de Tia Marina. Esses objetos corroboram para a realidade antes ignorada dessa cansada mulher que dedicara a vida a cuidar dos sobrinhos e a administrar a casa do irmão.

Assim, analisando um momento antes citado, o da descoberta das cartas e sua posterior leitura feita por Cecília, percebe-se como a passagem se apresenta como uma das primordiais para a construção e desenvolvimento da personagem assim como da obra. Nesse instante podemos perceber a passagem de tempo em que as coisas vão ocorrendo e na introspecção imaginária da, ainda debilitada, protagonista. Enquanto Heloísa continua a mexer nas coisas de Marina, Cecília inicia a leitura de alguns trechos de uma carta já aberta, onde há uma descrição de um possível vestido de casamento, fato antes subentendido por Marina, onde para se igualar às desgraças amorosas vividas pela sobrinha, afirmou, “É como eu, não tem sorte para o casamento” (PEREIRA, 1933, p. 183).

Nesse instante é que percebe-se uma fuga da personagem da realidade. Esse momento de recolhimento para uma reflexão a respeito da vida de sua tia transcorre no decorrer da leitura de algumas frases da carta, que a transporta por um mundo de possibilidades, na tentativa de traçar um esboço da vida da falecida. Esse momento de introspecção não dura mais que alguns instantes, mas a construção de ambiente e tempo, naquele instante, se mostram relevantes para



uma sustentação de caráter identitário da personagem que fora retirada tão abruptamente da vida da protagonista.

No que compete à aproximação de D. Marina e Cecília, devemos notar que a jovem protagonista sempre tentou se desvencilhar de qualquer semelhança que pudesse ter com sua tia solteirona. Este fato, no entanto, sempre voltava à tona na vida de Cecília, mesmo que tentasse não pensar no assunto, era inegável que sua vida estava caminhando para uma “releitura” da vida da tia.

Mas uma visão a acompanhou. Pelo menos acompanhou Cecília. A da moça que a tia fora, um dia. Da moça ardente, cheia de sonhos e ambições, da moça que talvez tivesse sido mais ou menos o que ela era. Cuja vida fora murchando, murchando... Que restava agora de tudo o que a fizera rir ou chorar? Esse monte de papéis que não tardariam a se fazer cinza (PEREIRA, 1933, p. 201).

Assim, muitos da família da jovem a alertavam a não se tornar sua tia, uma mulher solteira e sem propósito, mas Cecília, depois de anos de uma profunda reflexão percebeu que não era tão ruim ser como Marina, viver a sua própria maneira, fazer o que gostaria de fazer sem estar presa a servidão do casamento. Ela percebera que gostava de cuidar dos seus, de ter sua liberdade em casa, de estar cercada pela família, apesar das indiferenças, e de zelar pelo bem estar dos mesmos, principalmente pelos sobrinhos, especialmente de Baby, por quem se afeiçoara imensamente, e com isso, constatou que finalmente estava vivendo plenamente como sempre almejou. Depois de um amadurecimento, Cecília pôde ter ciência do que sempre quisera e percebeu que não era tão complicado como ela fizera parecer quando mais jovem.

Não que se sentisse, fisicamente, nem moralmente, velha. Mas acabara com as procuras e as perguntas sem fim da juventude. Nunca mais experimentara a angústia do receio de não viver. [...] E agora, quatro anos depois, via que vivera quando não o tentara mais fazer. Vivera plenamente. Inteiramente (PEREIRA, 1933, p. 263).

Dessa forma, podemos constatar que assim como sua tia, Cecília acabou vivendo através dos outros, das vivências as quais ela tinha conhecimento, e que para a mesma, bastava. Tia Marina como governanta da casa também pôde viver à sua maneira através dos sobrinhos, desde a criação que lhes proporcionou, como também através de suas conquistas, de seus relatos e sonhos, além da contribuição que fazia ao administrar as atividades domésticas, o que facilitava a vida de todos a sua volta. Viver desse modo, para os que cercam Cecília, era considerado





viver sem propósito, uma vida sem sentido, “antinatural”, como aponta Helóisa, mas que para a jovem protagonista, assim como fora para sua tia, era o suficiente para assegurar sua existência, e particularmente para Cecília, era uma forma de liberdade que garantia sua felicidade.

Abriu a janela de par em par. A noite sem lua, porém clara, era muito profunda, muito misteriosa. Misteriosa como a vida. Que coisa complicada, a vida. Nunca chegaria a compreendê-la? Entretanto, tinha a impressão de ter vivido, nesses últimos anos, e de que iria continuar a viver. Uma vida diferente das comuns, talvez, feita de migalhas da existência dos outros. Não importava, se com essas migalhas, com essas sobras, ela conseguira construir a sua (PEREIRA, 1933, p. 265).

Em síntese, podemos perceber que a construção social e ideológica da personagem Cecília não é ao acaso. Os personagens que a circundam, seu núcleo familiar, principalmente a influência estabelecida pela personagem de D. Marina, são de grande importância para a criação de sua identidade como agente participativa na construção do seu caráter social como mulher, se percebendo, em contexto específico, nessa posição de vulnerabilidade e conformidade, entretanto, não se contentando com o destino fatídico predeterminado por sua condição de gênero.

Podemos ver através da representação de sua família, que a mesma se configura como qualquer outra, com diferentes pessoas e suas diferentes visões sobre a realidade, amorosos e preocupados, no que compete ao zelo familiar, mas que também procuram colocar suas individualidades, concepções e “verdades”, acima do desejo e da felicidade do outro, o que se configura, nesse caso, como a sobreposição de normas preestabelecidas e protocolos sociais no que tange a posição social da mulher, sobre a felicidade, individualidade e autonomia da jovem protagonista.

### **Dilemas sobre o casamento: Controversa relação entre Cecília e Paulo**

Para falarmos da instituição do casamento, devemos ter ciência de como era supervalorizada, no Brasil, a união entre duas pessoas, comunhão entre um homem e uma mulher, no âmbito religioso, que data desde os tempos de Brasil colônia até a sociedade brasileira do século XX, onde ainda era muito prezada a consolidação de um casamento visando a manutenção de uma sociedade equilibrada. A respeito disso, Mary Del Priore (2013), elucida:



Vários historiadores comprovam a valorização do casamento desde os primeiros séculos da colonização. Ele era indício de respeitabilidade, ascensão social e segurança. “Mulheres que não tinham marido”, como as designam documentos antigos, viviam à deriva, nos limites da desclassificação social, almejando uma vida minimamente alicerçada segundo os costumes sociais e a ética oficial. Na sociedade tradicional, a mulher não possuía estatuto fora do casamento; ele era a única instituição que lhe permitia se realizar como ser social. Tornar-se uma “santa esposa e mãe” - como queria a igreja católica - davam respeito, a mobilidade social e a segurança tão almejadas pelas populações femininas (PRIORE, 2013, p. 30).

Como pudemos perceber durante o discorrer de toda a narrativa, Cecília desde muito nova já sabia o que esperar quando chegasse a vida adulta, que naturalmente se casaria, pois era o que se esperava socialmente, assim como sua família e, aparentemente, ela mesma. A construção do ideal de casamento sempre esteve no imaginário de muitas mulheres como algo “natural”, que fosse lhes proporcionar segurança social, e que isso, tempestivamente, se concretizasse em certo momento de suas vidas, e essa idealização sempre fora difundida em várias culturas ao longo de muitos séculos, dando uma ideia de que a mulher não poderia viver sem um marido, e que a construção dessa relação entre os dois fosse inevitável. Com isso, ao descrever a vida e a mulher dos *Anos Dourados*, por exemplo, Carla Bassanezi Pinsky (2015) elucida:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história e sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que as outras pessoas fossem felizes (PINSKY, 2015, p. 609-610).

Apesar da aparente certeza de Cecília sobre seu desejo de casar, podemos perceber também na obra, uma relação de dualidade entre a protagonista e a constituição do matrimônio, a mesma persegue a felicidade na caracterização de casamento durante todo o discorrer da história, mas ao mesmo tempo, vai percebendo, paulatinamente, que sua felicidade não residia em um marido. Mas, como a narrativa é sutil e gradual, o fato só será constatado depois de anos de amadurecimento da personagem.

O enfoque que daremos nesse artigo, será a contraditória relação entre Cecília e Paulo. Perceberemos como se constrói essa controversa relação a partir de suas necessidades



individuais, no caso de Cecília, de ter Paulo como um amigo e confidente que estivesse ao seu lado para ampará-la em momentos bons e ruins, e no caso de Paulo, de ter Cecília como uma futura esposa, uma razão de felicidade maior, uma mulher amável e carinhosa, que fosse lhe cuidar e amar acima de tudo.

Devemos antes, estudar como se sucedeu essa aproximação entre Cecília e Paulo. A relação entre os dois ocorre de uma maneira muito natural, já que Paulo, como amigo e sócio de Cláudio, fora apresentado à Cecília pelo amigo em uma tarde de passeio. No início podemos perceber que Cecília tivera reservas quanto ao desconhecido, já que achava importuna sua presença nos passeios entre ela e o irmão, mas com a constante interação dos dois, o contato entre eles, gradativamente, vai se tornando mais natural e habitual para ambos. Mas um ponto que devemos nos atentar é que Cecília, desde o começo, não via em Paulo a figura de um marido em potencial. Como a relação dos dois sempre se deu de uma forma muito amigável e despreziosa, o que se sucedeu foi a construção de um vínculo, que pelo menos para a jovem protagonista, fora o de amizade. “A irmã ria-se; achava impagável a ideia. Não podia admitir a hipótese de ver Paulo casado, e ainda mais consigo. [...] E porque não via nele um noivo em potencial, como em quase todos os rapazes que encontrava, fazia-se natural, confiante” (PEREIRA, 1933, p. 167).

Apesar da disparidade de intenções entre ambos, percebemos que não somente Paulo se fez constante na vida de Cecília, como teve papel fundamental no desenvolvimento da mesma, tanto auxiliando-a na busca de sua confiança em si mesma, como também no fato de alimentar seu intelecto e autonomia. Dessa forma, acredita-se que Cecília não só depositava muita confiança em seu novo amigo, mas tentava também corresponder certas expectativas, que muitas vezes ela mesma se impunha.

E de fato, foi assim. Entre ambos, cada vez a camaradagem se fazia mais íntima. Cecília, como Cláudio, ia-se deixando dominar pela segurança das opiniões do amigo. Ele lhe dizia: - Leia *Os Sertões*; é uma vergonha não conhecer Euclides. Ou: - Hoje precisamos ir ao Bar do Leme; andam fazendo lá uns sanduíches de peru, verdadeiramente notáveis. [...] Imediatamente ela atirava-se entusiasmada aos *Sertões*, e devorava beatamente os sanduíches. Aprendia com ele a falar em “sentimentos confortáveis”, umas das suas expressões prediletas, a ser pacifista, com escândalo da família. E sobretudo ia aprendendo a raciocinar, a procurar ter uma opinião própria, a “estar de acordo consigo mesma” (outra expressão de Paulo) (PEREIRA, 1933, p. 168).



Havia, até certo momento, se construído entre os dois, uma relação de confiança. Cecília demonstrava estar bem consigo mesma quando estava com Paulo, ambos dividiam experiências de vida, e com isso, passavam um bom tempo na companhia um do outro, uma relação sem reservas nem constrangimento. Contudo, em certo momento da obra, Paulo evidencia que Cecília era, para ele, mais que uma amiga, era algo precioso em sua vida, que a amizade que partilhavam era o que lhe dava forças para continuar a viver. Fato expresso na fala a seguir:

-É verdade... tenho bom humor, mas não sei mais vibrar. Encho a vida como posso; se não fossem você e Cláudio, sobretudo você, eu não sei o que seria de mim... Às vezes, penso que a recompensa de todo o meu esforço, o fim ignorado para o qual ele tendia, era fazer-me subir até você... na sua vida, cheia de esperanças, a nossa amizade não é nada... para mim é tudo... é uma razão de existir (PEREIRA, 1933, p. 183).

O fato exposto na fala acima, expressa que a amizade que Paulo sentia por Cecília se insinuava em algo a mais, toda a afeição que ele sentia, talvez nesse momento, já se configurasse, não só em ternura, mas também em amor. Toda essa importância depositada por Paulo na amizade entre os dois, fez essa relação ganhar uma superestimada pretensão, que talvez não houvesse sido sugerida à Cecília, e esse fato despertou nela uma certa insegurança, pois ela não notara que a amizade entre os dois possuía esse caráter imprescindível na vida de seu amigo, e com isso, notou que não queria ter essa responsabilidade emocional para com ele, de ser um apoio tão importante, e de certa forma, sentia que talvez pudesse haver algo de mais sério sendo sugerido nesse compartilhado companheirismo.

Cecília ficou pensativa toda a noite, um pouco triste. Era como se alguma coisa de grave, de sério, se houvesse insinuado nas suas relações com Paulo, como se entrasse nelas, agora, uma responsabilidade imprevista. [...] Quando apareceu Paulo, sem juízos preconcebidos a seu respeito, deixou-se simplesmente viver diante dele, com naturalidade. Não lhe fazia confidências, não lhe dizia nada que os outros não pudessem ouvir. E um dia descobriu que ele a conhecia; que era compreensivo e bom. Desde esse dia encontrou um prazer novo na existência; um prazer egoísta, talvez, de se sentir entendida sem precisar explicar; de ter alguém em que confiar; nunca tinha lhe pedido um conselho, mas sabia que poderia fazê-lo, se fosse necessário. [...] E agora, de saber que também ele precisava de amparo, que sua força lhe vinha um pouco dela, experimentava uma sensação de instabilidade. E quase de revolta. Como se houvesse sido traída na sua confiança. Inconscientemente, julgara-se com o direito de receber sem dar (PEREIRA, 1933, p. 183).

Devemos voltar agora, para as concepções de Cecília sobre sua vida. Ela sempre demonstrava em vários momentos sua intensa necessidade de viver, sempre havendo uma



insatisfação ao que era apresentado, a todo momento esperando algo a mais da vida, “E sobretudo não entendia por que estava tão inquieta. E vibrante. Sem saber o que queria. Uma excitação nada desagradável, entretanto. De repente, pusera-se a esperar muito da vida” (PEREIRA, 1933, p. 161). Devemos lembrar que a jovem protagonista, em seu constante estado de inquietação, juntamente com o resgate de desejos esquecidos, se tornou exigente quanto ao que esperar viver, pois não sabia o que poderia acontecer a ela, em vista de tantas possibilidades, e isso acabou se transpassando também, para a questão do futuro pretendente. Nesse quesito, Cecília se mostrava inflexível quanto ao marido desejado, pois o pretendente em si teria um impacto direto em sua busca pela felicidade, “Por que desdenhara do noivo tão desejado? Por que acordaram, na já meio desiludida, os sonhos loucos da menina romântica? Por que mostrara, ao se saber requestada, subitamente exigente?” (PEREIRA, 1933, p. 161).

Neste quesito, podemos perceber que Paulo poderia ser quem Cecília tanto buscara, se aproximando ao máximo das exigências que Cecília impôs para pretendentes e para sua vida, pois ele, como já citado, era alguém que deixava Cecília à vontade consigo mesma, ajudando-a em seu desenvolvimento pessoal, além de autonomia e confiança, mas valendo ressaltar que ela nunca vira em seu amigo alguém que a completasse nesse sentido. Nunca cogitara Paulo, até então, como um futuro parceiro, ao contrário, fazia questão de manter claro a relação que ambos partilhavam, “E mais do que nunca repelia a ideia de ter despertado nele um outro sentimento além da amizade” (PEREIRA, 1933, p. 184).

A mudança que havia se insinuado na amizade entre ambos se mostrara cada vez mais evidente, não só para Cecília, mas também para os que acompanhavam essa amizade de perto. Paulo, já mais íntimo de Cecília e sua família, não tinha receios de demonstrar o que sentia por sua amada. Com insinuações sutis de sua pretensão, ele fora demonstrando suas reais intenções para com ela na busca de um possível reconhecimento de seus sentimentos.

Quando regressou à varanda, começava a escurecer, e a família achava-se toda reunida. Ela ficou de pé, encostada ao parapeito, ao lado de Paulo. De repente, viu o rapaz abaixar-se a apanhar alguma coisa. Era uma orquídea. - Coitada... ficou esquecida! - exclamou Cecília. E uma piedade um pouco pueril, talvez, mas funda, apertou-lhe o coração. - Ela é como eu: ficou de lado, ninguém fez caso dela. E não é pior do que as outras... Disse isso a meia voz, como se pensasse alto. E logo arrependeu-se da expansão. Só Paulo ouviu-a. Fitou-a um momento, com um modo esquisito, e depois respondeu, também muito baixo: - Mas eu apanhei-a. Foi só. O rapaz continuou a brincar com a flor, e a conversa fez-se geral. Mas quando chamaram para o jantar, Paulo aproveitou a confusão para meter a orquídea na carteira. Pensou ter feito muito



discretamente o gesto, mas Cecília percebeu-o, e também João, a quem nada escapava (PEREIRA, 1933, p. 184).

Antes de prosseguirmos, devemos retomar a ciência de que Cecília não queria ser subserviente no casamento, e que para ela sua liberdade era mais importante. A protagonista estava em uma fase de autoconhecimento e experimentação, e com sua constante inquietação vinha também o anseio por viver à sua maneira.

Apesar de toda negação de Cecília frente as demonstrações das reais intenções de Paulo, isso não o impediu de tomar um passo adiante. Em um dia de fragilidade emocional vivido por Cecília, em que ela passara pelo desgosto de ser repreendida pelo pai quando sugerira trabalhar, ela solicitara conversar com seu amigo para desabafar e pedir os seus conselhos, já que Paulo demonstrara ser um homem à frente do seu tempo, com posições muito liberais, e muito progressista ao que se propunha discursar, inclusive em promover em Cecília o pensamento crítico. Então, aproveitando o momento, depois de muita inquietação, ele decide fazer a derradeira proposta à Cecília, a proposta de casamento, mas com ela, surge um discurso repleto de conservadorismo, quanto a posição que ela iria ocupar nessa união, de mãe-esposa-dona de casa, submissa e obediente, indo contra tudo o que ele projetara nela durante todo o tempo de amizade entre os dois.

Passou a mão pelo bolso, sentiu a carícia da caixinha de veludo, a caixa do anel de noivado. - Antes de responder, queria a sua opinião sobre o presente que trouxe de São Paulo para você, Cecília; queria saber se você o aceita, se não fui precipitado em comprá-lo. A moça sentiu as mãos do Paulo tomarem da sua, enfiarem-lhe desajeitadamente um anel no dedo fino. - Que significa isso? - perguntou muito baixo. - Isso significa que o emprego que tenho para você, o melhor, o que me encheria de felicidade se você o quisesse, é o de minha mulher. Para que andar por aí, exposta a encontrar gente de toda a sorte, num lugar subalterno, se pode ser rainha em minha casa... em nossa casa? Ser a razão e a recompensa da minha vida, não será uma ocupação melhor do que ser datilógrafa? Você é tudo para mim, Cecília. Eu não serei também alguma coisa para você? Não poderei, com muito carinho, encher esse vazio da sua existência? (PEREIRA, 1933, p. 193).

Mas devemos notar é que, apesar de a protagonista ter ideias um tanto “liberais” da sua condição enquanto mulher, Paulo possuía também, uma mentalidade dos demais homens de sua época, seu discurso nada mais era do que um eco social, da voz de uma sociedade sexista, conservadora e patriarcal, pois, apesar de toda essa liberdade intelectual que ele ajudara Cecília a desenvolver, ele enxergava-a como os demais, um ser frágil que necessitava de amparo e



cuidados de um marido. Esse pensamento era predominante na sociedade brasileira da época, assim como em outras, e sobre esse ideal libertário por meio do trabalho, Mary Del Priore (2013), elucida, a partir de revistas femininas que circulavam na época, “que ser mãe e dona de casa, era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade” (PRIORE, Mary Del, 2013, p. 67).

Depois do pedido de casamento, vemos Cecília tentando se desvencilhar desse enlace da melhor forma que pôde, explicando seu ponto de vista, como já discutido, defendendo seu ideal de liberdade, para que assim, pudesse manter a amizade que tanto almejava.

-Paulo, conversaremos como amigos, como antigamente. Eu gosto muito de você, muito. Não quero, por hoje, dizer sim, nem não. Quero que você compreenda. Eu não sou uma criança; quando disse que queria viver por mim, não se tratava de um capricho; eu quero dar uma oportunidade à vida e a mim mesma. Saber do que sou capaz. Tendo a impressão de que só serei eu mesma quando tiver realizado alguma coisa. [...] Deixe-me, Paulo, deixe-me experimentar se consigo viver, se descubro afinal para que estou nesse mundo. Para isso, preciso alargar o círculo que me aperta. Mas para isso preciso também da sua amizade (PEREIRA, 1933, p. 193/194).

Mas por despeito, ou raiva de ser rejeitado, Paulo acaba adotando uma postura totalmente diferente da que ele sempre mostrara para Cecília e os Vieira, não só revelando pensamentos sexistas e conservadores - que era tido como “natural”, visando a época e contexto que os personagens estavam inseridos, seu pensamento era um reflexo do discurso difundido socialmente – mas também uma indiferença quanto aos desejos de Cecília de viver à sua maneira, menosprezando assim, sua vontade de se realizar pelo trabalho, no caso, o de datilógrafa, como ela, naquele momento, almejava.

-E de tudo isso eu concluo que você não gosta de mim. Tudo o mais é pretexto. Que pode você esperar de maravilhoso, de extraordinário, em ser uma empregadinha, em depender de patrões? Se é esse, o seu ideal, não lhe dou parabéns. Ou você espera encontrar um príncipe encantado nas idas e vindas do escritório? Evidentemente, eu não sou o seu tipo, não sou elegante...

Continuou muito tempo, nesse tom. Cecília ouvia-o resignada, esperando chegar enfim a um acordo, fazê-lo compreender o seu ponto de vista. Mas cada vez mais se separavam; cada vez sentia mais fortemente em Paulo o egocentrismo dominador e absorvente que a horrorizara no pai. (PEREIRA, 1933, p. 194).





Nesse momento há uma cisão quanto a imagem que Cecília havia feito de Paulo, em perceber nele uma figura egoísta e autoritária, como seu pai, em impor suas vontades egoístas acima de sua felicidade, e por isso ela defendeu seu direito à uma autônoma existência, o direito à uma felicidade alcançada por intermédio de suas próprias realizações, “E o capricho, a falta de que fazer, que a levava a querer ganhar a vida, foi se avolumando dentro dela. Defendeu-o ferozmente, como se fosse de fato muito importante, como se se defendesse a si própria, e ao seu direito à existência” (PEREIRA, 1933, p. 194).

Depois desse infeliz evento, muitas coisas ocorreram na vida de ambos, como a epidemia de gripe, por exemplo, e com essas ocorrências, o afastamento. Paulo e Cecília não se viram, ou se falaram por um longo tempo, e já próximo ao final da obra há o derradeiro reencontro, onde Paulo vai até Cecília para alertá-la sobre o perigo das negligências financeiras de Cláudio, mas o que podemos aferir sobre a situação é que havia uma comoção nesse reencontro. “Também está um pouco comovido”, notou a moça” (PEREIRA, 1933, p. 221). Com isso, podemos notar que o que havia entre ambos, naquele momento, era admiração, “Tinha vislumbrado um quê de admiração, no olhar do rapaz” (PEREIRA, 1933, p. 226). Pelo menos para Cecília, esse sempre aparentou ser o sentimento predominante em sua amizade com Paulo, e depois de perder seu amigo e confidente, alguém de confiança, com quem poderia contar sempre, sua vida ficou ainda mais vazia, principalmente depois de saber que Paulo estaria noivo e que a relação entre os dois provavelmente acabaria, “Depois, não pôde mais lutar. Sofrera muito, muito. Muito tempo, teve a sensação de boiar na vida, como um destroço. Não queria mais nada, não sonhava, não tinha ambições nem interesses. A sua existência estava acabada... acabada antes de ter começado” (PEREIRA, 1933, p. 225).

Mas o que podemos atestar depois analisarmos essa relação entre esses dois personagens é que talvez houvesse um equívoco por parte de Paulo, pois podemos notar que Cecília sentia muita admiração pelo amigo, pois ele demonstrava ser um homem inteligente e seguro de si mesmo, e além disso, dava atenção às causas de Cecília, o que a fazia sentir mais ternura pelo rapaz, e talvez isso tenha o confundido, traduzindo essa admiração com amor por ele.

Cecília estava em uma fase de se descobrir, de tentar viver à sua maneira, mas não pôde por diversas razões, como as amarras sociais, oposição da família e sua desiludida relação com Paulo. Essa relação teve um papel significativo na vida da personagem, mas não foi um fator decisivo para suas escolhas futuras – como o fato de a mesma se tornar uma “solteirona” e viver feliz com as “migalhas da vida dos outros” - pois, como Cecília afirma, as amarras dessa relação



não surtiam mais efeito nela. “E mais uma vez pillhou-se a lembrar a expressão admirativa de Paulo quando se despedira, na última vez que o vira. Arrependia-se logo disso como de uma falta, e se espantava também. Tinha a certeza de não gostar mais dele” (PEREIRA, 1933, p. 233).

O que podemos sintetizar sobre a vida da personagem, é que seu destino final, como mulher solteira que cuida da casa e dos sobrinhos, acabou sendo moldado por suas próprias escolhas. Analisando o trajeto de Cecília, vemos que ela possuiu várias ferramentas para mudar sua vida, como vários pretendentes para elevar sua condição à de mulher casada, mas optou por viver à sua maneira, e como já citado, vivia feliz dessa forma. A conflituosa vida amorosa de Cecília não deve ser encarada como fator determinante para seu destino final, e o mesmo não deve ser encarado negativamente, pois Cecília realizara-se através de suas próprias decisões, e com isso, alcançara a felicidade e plenitude que buscara incansavelmente por tanto tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura e reflexão sobre a obra *Em Surdina*, foi possível fazer uma análise mais detalhada da protagonista Cecília e algumas questões que circundam sua existência como, em específico, sua relação com o casamento. A obra nos faz refletir sobre a construção do papel social feminino desenvolvido e imposto por uma sociedade sexista e autoritária, que ignora a voz e as pessoais necessidades das mulheres que a compõem.

Apesar de se tratar de um romance de caráter ficcional, a história de Cecília mostra que é possível fazer paralelos com a realidade social refletida, não só na época, mas também nos dias de hoje, retratando uma sociedade sexista e conservadora que “invisibiliza” todos aqueles que não se submetem a seguirem os padrões sociais instaurados, principalmente no que compete às mulheres. A obra se apresenta como uma representação da violência, apagamento e marginalização ao direito de voz das mulheres. As nuances que o romance aborda trazem à luz o incômodo de caráter social que aponta, de forma sutil, o silenciamento ao direito de escolha e controle sobre suas vidas, não só em relação à da protagonista, mas também, das demais mulheres retratadas na narrativa.

A análise da caracterização dos personagens, do narrador, espaço e tempo, além da construção dos relacionamentos e funcionamento da hierarquia social, foi essencial para



compreendermos as críticas sociais presentes no romance. Conclui-se, portanto, que as críticas presentes na obra são apontamentos de uma construção social, pois esse silenciamento das vozes de Cecília assim como sua tia e irmã, são um reflexo de uma sociedade sufocante e autoritária que visa o “bem estar social” oprimindo e apagando as vozes de figuras que são primordiais para uma sociedade funcional, marginalizando tanto a posição social que as mulheres ocupam quanto o trabalho produzido por elas. Nesse sentido, o romance *Em surdina*, se mostra essencial para entendermos a construção do papel social da mulher na década de 30, e mesmo tendo sido escrito no começo do século XX, ainda se apresenta como uma importante obra literária para pensarmos e repensarmos as várias vertentes de representação e construção da mulher na literatura.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.
- NUNES, B. **O mundo de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1966.
- PEREIRA, L. M. **Em surdina**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.
- PINSKY, C. B. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROMANO, Ruggiero. **Literatura-Texto**. Enciclopédia Einaudi. v. 17. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1989.